

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE

CURSO: PSICOLOGIA – 8º PERÍODO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

PROFESSORA: ME. KARINA VERAS

ALYSSON YGOR DA SILVA SANTANA

EDUARDO HENRIQUE ZACARIAS RODRIGUES

**A HETERONORMATIVIDADE E A INFLUÊNCIA DOS DISCURSOS FAMILIARES
ACERCA DA HOMOSSEXUALIDADE**

NATAL/RN

2024

RESUMO

Este trabalho investiga a influência dos discursos heteronormativos na aceitação de jovens homossexuais no ambiente familiar, sob a perspectiva psicanalítica. Historicamente, a homossexualidade foi patologizada, e embora Freud tenha rejeitado essa visão, a sociedade manteve concepções negativas que ainda repercutem na cultura contemporânea. Utilizando uma revisão integrativa da literatura, foram analisados conceitos de "homossexualidade", "heteronormatividade" e "narcisismo parental" em bases como PePSIC e SciELO, com exclusão de estudos fora do campo psicanalítico ou que abordassem orientações sexuais distintas da homossexualidade. A análise revela que o narcisismo parental, que emerge a partir da idealização dos filhos desde o período gestacional, é frequentemente moldado por discursos heteronormativos internalizados socialmente. Estes discursos promovem a ideia de normas binárias e reforçam práticas opressoras em famílias com jovens homossexuais, negando subjetividades que transcendem o binarismo homem-mulher e a união entre sexos opostos. Apesar dos avanços no debate sobre sexualidade no contexto familiar, a heteronormatividade continua a alimentar discriminações e a invalidar experiências homossexuais. O estudo destaca a urgência de estratégias socioeducacionais para construir sujeitos críticos, capazes de questionar as normas coercitivas e promover a validação das vivências subjetivas. Assim, contribui para a reflexão sobre como superar práticas que ainda marginalizam a diversidade sexual no seio familiar.

PALAVRAS-CHAVE: homossexualidade, heteronormatividade, narcisismo parental e psicanálise.

1.INTRODUÇÃO

A homossexualidade, desde tempos remotos, tem sido um tema envolto em controvérsias. Em diversas formações sociais, foi frequentemente associada a noções de imoralidade e desvio de caráter. Em determinados contextos emergiram discursos vinculados ao dispositivo da sexualidade, imbuídos de valores morais e verdades que orientam práticas sociais e moldam subjetividades.

Na psiquiatria, o médico Krafft-Ebing consolidou a visão da homossexualidade como um elemento prejudicial à sociedade, ao afirmar que todas as relações sexuais que não resultassem na reprodução da espécie deveriam ser classificadas como perversões sexuais. Essa perspectiva patologizou os indivíduos que se envolviam em tais práticas, reforçando tentativas de cura e repressão dos desejos sexuais.

Foi em 1860, que o médico Karoly Maria Benkert introduziu o termo 'homossexual' para designar a atração entre pessoas do mesmo sexo. Em contextos sociais subsequentes, o termo 'homossexualismo' passou a ser adotado, com o sufixo 'ismo' reforçando conotações estereotipadas, pejorativas e patologizantes. Enquanto isso, a psicanálise, influenciada pelo contexto da época, perpetuou uma visão distorcida da homossexualidade. Embora Freud tenha utilizado o termo 'invertido', comum naquele período para descrever pessoas homossexuais, ele jamais categorizou a homossexualidade como uma patologia. Em 1935, ao responder a uma carta de uma mãe cujo filho era homossexual, Freud expressou seu posicionamento de forma esclarecedora:

“A homossexualidade certamente não é vantagem, mas não é nada de que se envergonhar, nem vício, nem degradação; não pode ser classificada como doença; consideramos que é uma variação da função sexual, produzida por certa interrupção do desenvolvimento sexual”, (Freud, 1935/1967, p.43.)

Em *O Caso Dora* (1905), Freud argumenta que devemos “Falar sem indignação sobre o que chamamos de perversões sexuais - essas transgressões da função sexual tanto na esfera do corpo quanto na do objeto sexual”. (FREUD,1905, p.55). Ele ressalta que a homossexualidade, embora associada à perversão, não deve ser vista como uma patologia, conforme proposto por Ebing, mas sim como um desvio em relação às normas socioculturais vigentes sobre isso, Freud relata:

[...] Muitos indivíduos altamente respeitáveis, nos tempos antigos e modernos, foram homossexuais (Platão, Michelangelo, Leonardo da Vinci, etc). É uma grande injustiça perseguir a homossexualidade como crime e também uma crueldade. [...] (Freud, 1935/1967, p.43.)

Apesar dos esforços empreendidos nessa época, a cultura persistiu em perpetuar uma visão negativa dessa condição sexual. E ainda nos dias atuais, muitos pais encontram dificuldades em compreender e aceitar a homossexualidade de seus filhos, possivelmente afetados pela heteronormatividade que ainda permeia a sociedade ou devido à idealização prévia que fazem de seus descendentes antes mesmo de seu nascimento, reproduzem ainda discursos que invalidam essa prática “diferente” do que experienciaram em sua trajetória de vida. Em um dos atendimentos de Freud ele traz uma de suas experiências que diz:

Ela não procurou enganar-me dizendo sentir alguma necessidade urgente de libertar-se de seu homossexualismo. Pelo contrário, disse ser incapaz de imaginar outra maneira de enamorar-se, mas acrescentou que, por amor aos pais, auxiliaria honestamente no esforço terapêutico, de vez que lhe doía muito ser-lhes a causa de tanto pesar (FREUD, 1969, p. 164).

Para compreender esse processo é importante entender a influência da heteronormatividade, que para Martins et al. (2010), é compreendida como uma "expressão utilizada para descrever ou identificar uma suposta norma social relacionada ao comportamento padronizado heterossexual" (p. 12). Assim, a heterossexualidade é vista como a sexualidade predominante, ou seja, a única considerada dentro do padrão, enquanto as outras formas de expressão sexual frequentemente enfrentam desprezo e diversas formas de exclusão. Isso se dá devido a diversos fatores históricos, religiosos e principalmente aspectos reprodutivos como destacam Carvalho e Oliveira (2017):

“Na era vitoriana, a moral burguesa conduziria a sexualidade para o seio da família conjugal heterossexual, legitimando-a por meio da função reprodutora, imposta como modelo e discurso de verdade” (p. 102).

Logo, qualquer outro processo de subjetivação diferente deste fundamentado no conhecimento médico e que divergisse da lógica binária da cis-heteronormatividade não eram considerados, colocando apenas quem fazia parte do grupo heteronormativo como pessoas “ideais”.

No contexto brasileiro, Christian Dunker - psicanalista contemporâneo - descreve que a despatologização da homossexualidade aconteceu através das lutas pelos direitos civis nos Estados Unidos na década de 60/70 e por meio de estudos científicos. Para ele, "as homossexualidades não podem ser curadas porque não são transtornos", divergindo, então, dos pensamentos de outros psicanalistas de séculos passados.

Com isso, as relações homoafetivas nos últimos tempos vêm ganhando espaço de debate de modo que envolvem discussões acerca da diversidade e do respeito à sexualidade. No entanto, apesar dos avanços sociais, muitos ainda são os entraves envolvendo essa temática, isso porque a cultura da heteronormatividade corrobora para a perpetuação de normas restritas à sexualidade e contribui com discursos para reforçar papéis rígidos de gênero na sociedade.

Pensando nesse conflito instituído, no contexto social e na temática presente no trabalho, torna-se relevante explorar o conceito dos discursos heteronormativos associados à orientação sexual de jovens homossexuais e as suas relações familiares. A partir dessas inquietações, o trabalho parte da seguinte pergunta-problema: **Como a heteronormatividade pode influenciar nos discursos familiares acerca da homossexualidade?** Essa é uma questão que demanda uma investigação mais profunda e que pode lançar luz sobre os mecanismos psicológicos envolvidos na relação especialmente entre pais e filhos, no que diz respeito à aceitação da diversidade sexual, sendo assim, o objetivo deste estudo é discutir, com base na teoria psicanalítica, o lugar que o narcisismo parental ocupa no discurso que sustenta a manutenção da heteronormatividade, problematizando como esse discurso pode impactar a aceitação de sujeitos homossexuais no contexto familiar.

Este estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com foco na investigação da heteronormatividade e dos atravessamentos familiares relacionados à homossexualidade e ao narcisismo parental sob a perspectiva psicanalítica. Foram utilizados descritores como "homossexualidade", "heteronormatividade" e "narcisismo parental" em bases como PePSIC e SciELO. Estudos fora do campo psicanalítico ou que abordassem orientações sexuais diferentes da homossexualidade foram excluídos. A análise foi fundamentada principalmente em Sigmund Freud.

2.DESENVOLVIMENTO

Como já dito anteriormente, a cultura heteronormativa exerce uma influência significativa sobre o ambiente familiar, especialmente na presença de indivíduos homossexuais. Nesse contexto, jovens que fazem parte desse grupo enfrentam o grande desafio de expressar sua orientação sexual à família, frequentemente com receio da rejeição. Esse temor está relacionado a como a família, geralmente inserida dentro de um contexto heteronormativo irá receber a informação da homossexualidade, uma vez que é vista como um desvio dos padrões predominantes, que sustentam a normatização de relações heterossexuais e a perpetuação de uma sociedade a partir de um discurso patriarcal, há uma dificuldade em compreender que o objeto de desejo do outro, foge do que se entende por normal.

“A teoria popular sobre a pulsão sexual tem seu mais belo equivalente na fábula poética da divisão do ser humano em duas metades - homem e mulher - que aspiram a unir-se de novo no amor. Por isso, causa grande surpresa tomar conhecimento de que há homens cujo objeto sexual não é a mulher, mas o homem, e mulheres para quem não o homem, e sim a mulher, representa o objeto sexual”. (FREUD, 1905, p.129).

Nesse trecho Freud reforça que o conhecimento popular apresenta dificuldades em compreender que o desejo sexual nem sempre se volta exclusivamente para o sexo oposto. Assim, abordar as relações homossexuais pode ajudar a reduzir a sensação de estranheza em torno do tema, além de contribuir para a diminuição de preconceitos.

Sabe-se que as experiências homossexuais são singulares, mas geralmente esses indivíduos podem enfrentar desafios comuns no que tange à necessidade de expressar a sexualidade para a família. No entanto, anteriormente a esse momento, normalmente vivencia-se o processo de descoberta e posteriormente a aceitação de sua própria identidade sexual. O termo “outness” é comumente utilizado para designar o que pode ser esse primeiro momento vivenciado por jovens homossexuais no processo de descoberta, ou seja, é quando os indivíduos se entendem, tomam conhecimento dos seus desejos e conduzem a sua sexualidade à luz da sua singularidade.

Por outro lado, o termo “coming out” demarca o que pode ser uma outra experiência desses indivíduos. Nesse caso, refere-se ao processo de revelação da sua orientação sexual do interior para o exterior. Esse momento é conhecido no senso

comum como “sair do armário”, pois é o momento em que o jovem já se reconhece enquanto homossexual ao passar pelo processo de autodescoberta e, assim, decide expressar inicialmente para os amigos próximos, os pais, outros membros da família e posteriormente, demais indivíduos. Vale salientar que é comum que os jovens priorizem revelar primeiramente para as mães em virtude de os filhos esperarem uma resposta positiva à revelação por parte de suas mães.

Dessa forma, a revelação da orientação sexual à família antecede a uma cronologia: revelada inicialmente aos amigos, posteriormente às mães e, por último, aos pais. (LaSala, 2000; Cianciotto & Cahlli, 2003; Savin-Williams & Ream, 2003; Frazão & Rosário, 2008).

Em “Introdução ao narcisismo” (1914), Freud descreve que a relação narcísica pode ocorrer em qualquer fase da vida, no entanto, existe um narcisismo parental primário. Ele demarca desde a gestação até o nascimento do bebê e é estabelecido mediante as relações de pessoas que se encontram em volta do bebê; normalmente são as figuras parentais.

Existe uma idealização prévia desde a descoberta da gravidez, expectativas sobre o sexo do bebê são elaboradas pelos pais, planos são construídos para decorar o espaço para receber o recém-nascido que há de chegar e dentre tantas outras instâncias que envolvem esse período. A criança virá a ocupar um lugar daquilo que ficou perdido na vida dos pais. A partir de então, a criança passa a ser o lugar central na vida dos pais, cabendo a ela recuperar todas as renúncias que os pais tiveram que fazer, recuperar os sonhos perdidos e os projetos os quais os pais não conseguiram colocar em prática. Surge então a criança ideal para os pais.

No que se refere a sexualidade, a cultura heteronormativa fica encarregada de ditar quais são as sexualidades ideais na sociedade. Diante disso, esses discursos podem implicar diretamente nessas relações familiares, uma vez que os pais já idealizaram o sexo do bebê. Ao passar dos anos, vai emergindo o momento de conceber àquele filho(a) que um dia foi criança, a função social de construir uma família, de se relacionar afetivo sexualmente com pessoas do gênero oposto ao seu e de realizar os desejos dos pais: o de serem avós.

A família nuclear, influenciada pela cultura heteronormativa, parte da crença de que todos os filhos serão heterossexuais e crescerão com estilos de vida e terão vivências espelhadas na heterossexualidade.

No entanto, quando o jovem não encontra um terreno fértil na relação familiar para expressar a sua sexualidade diferente da idealizada pelos pais, há uma tendência que haja uma fragilização dessas relações familiares. Para isso, é tão importante que haja o diálogo e comunicação aberta sobre as questões acerca da sexualidade na construção de relações saudáveis entre pais e filhos.

Quando o jovem se encontra no processo de descoberta e afirmação de sua sexualidade, muitos são os fatores que o atravessam: elaborar as suas identificações em grupos os quais se reconhece, construir os seus desejos afetivos e sexuais, assim como se lançar no mundo para viver as suas primeiras experiências relacionadas a sua sexualidade.

Nesse momento, as figuras parentais vão deixando de ocupar aquele lugar central na vida dos filhos, que não os reconhece mais como aquele absoluto lugar de sustentação. Por outro lado, demarca uma ruptura no ideal dos pais, esse, que por sua vez, passam a ser constantemente confrontados. O jovem não se vê mais naquela posição de seguir à risca o que outrora foi elaborado pelos pais.

Desse modo, as suas vivências passam a se tornar o seu fio condutor na estrada da vida. Uma vez que já se entendeu, o jovem passa a se relacionar e se incluir em grupos os quais tenham pessoas com experiências parecidas com as suas.

Atualmente, cada vez mais os adolescentes que decidem revelar a sua orientação sexual cedo, enquanto ainda compartilham do mesmo ambiente domiciliar parental e isso constitui um desafio complexo na vida do adolescente.

A maior parte dos pais idealiza um futuro promissor na vida dos seus filhos como um prolongamento de si mesmos e isso não inclui a homossexualidade. Não há como prever a reação dos pais diante da revelação, mas ela tende a ser negativa, pois pode causar uma crise no contexto familiar. Podem surgir reações de rejeição emocional que variam entre 20 e 50%, violência física e verbal também podem surgir, assim como até mesmo a expulsão daquele filho do lar (Cohen & Savin-Williams, 1996 *cit. por* Patterson, 2000; Cianciotto & Cahill, 2003; Frazão & Rosário, 2008).

De acordo com dados da Associação Rede Ex-Aequo (2004), os primeiros sentimentos partindo dos pais são de raiva, angústia e culpa, isso porque eles começam a se culpar por não terem sido capazes de educar os seus filhos e buscam pessoas para responsabilizá-las pela homossexualidade dos seus filhos. Molt (1987

cit. por Palma & Levandoski, 2008) relata que poucas são as famílias as quais aceitam e convivem com os filhos homossexuais.

Alguns autores equiparam a reação das famílias sobre a revelação da homossexualidade com o modelo de estádios do luto estabelecidos por Kubler-Ross (1969). Com isso, a aceitação da homossexualidade pode constituir um desafio e que nem sempre acontecerá, pois as sensações de fracasso na educação dada aos filhos permanecem na mentalidade dos pais.

Diante desse contexto, a família pode se tornar o núcleo central de práticas consideradas opressoras e excludentes aos membros homossexuais. Assim, face à orientação sexual surge o termo homofobia - baseada na heteronormatividade, confere à heterossexualidade um status superior em relação às demais orientações sexuais - ocasionando em aversão e tantos outros sentimentos relacionados a discriminação e preconceito. Portanto, vale salientar que a homofobia surge como um fenômeno representado como uma face visível do heterossexismo.

Os pais podem encontrar dificuldades para falar abertamente sobre a sexualidade dos seus filhos ainda mais se for sobre a homossexualidade, isso porque falar, implica transpor barreiras de valores adquiridos pelos progenitores ao longo da vida. A dificuldade na conversação pode impactar na homofobia intrafamiliar. Sendo assim, a família é uma instituição repleta de valores e crenças espelhada no funcionamento da heteronormatividade, que é como uma engrenagem que retroalimenta as normas e repete os padrões de discriminação e violência. Diante disso, a família pode reproduzir modelos opressores, onde as violências aos membros homossexuais podem se tornar legitimadas pela ótica do preconceito e exclusão.

3. CONCLUSÃO

Diante da análise da temática desse estudo, pode-se destacar que a cultura heteronormativa funciona como um mecanismo que produz e difunde valores e normas a serem aplicados e perpetuados no contexto social. Com isso, os discursos heteronormativos adentram nos contextos familiares de forma a produzir diversos tipos de violências. Pode-se destacar, inclusive, que muitos jovens não encontram o apoio que precisam no processo de descoberta e revelação da sua orientação sexual

dentro de suas casas, inclusive podem ser vítimas de violências físicas e verbais, que podem culminar em expulsão dos lares onde moram com os pais.

Diante do que foi aprofundado neste estudo, percebe-se que apesar da crescente nas pesquisas envolvendo as questões de gênero e sexualidade, ainda há uma escassez em discussões que envolvam os aspectos relacionados às formas de violências, incluindo a homofobia intrafamiliar, dentro dos ambientes familiares, uma vez que esses jovens vivenciam o processo de revelação.

4. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Thamires. Homossexualidade não é transtorno desde 1973; tratamento causa sofrimento. **VivaBem UOL**, São Paulo, 21 set. 2017. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2017/09/21/homossexualidade-nao-e-transtorno-desde-1973-tratamento-causa-sofrimento.amp.htm>. Acesso em: 20 mar. 2024;

DREHMER, Luciana; FALCÃO, Carolina. **Para Além da Concepção Binária Cis-heteronormativa: a Psicanálise Interrogada pelas Diversidades Sexuais e de Gênero**. Psicologia: Ciência e Profissão 2019 v. 39 (n.spe 3), e228536, 62-74. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228536>;

DRUBSCKY, Camila. **Até que ponto o narcisismo pode ser datado? Uma reflexão à luz das contribuições de Piera Aulagnier**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2008;

FREUD, S. (1967). Lettre de Freud à Mrs N. N.: **Correspondance de Freud 1873-1939**. Paris: Gallimard. (Originalmente publicado em 1935);

NASCIMENTO, Geysa; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. **A Revelação da Homossexualidade na Família: Revisão Integrativa da Literatura Científica**. Trends Psychol., Ribeirão Preto, vol. 26, nº 3, p. 1527-1541 - Setembro/2018. Disponível em: <https://doi.org/10.9788/TP2018.3-14Pt>;

PERUCCHI, Juliana; BRANDÃO, Brune; VIEIRA, Hortênsia. **Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays**. Estudos de Psicologia, 19(1), Minas Gerais, janeiro a março/2014, 1-88;

SILVA, B. ; TEIXEIRA, M.; EVANGELISTA, S. **A PERCEPÇÃO DA PSICANÁLISE EM RELAÇÃO À HOMOSSEXUALIDADE**. 2018, 22f. Dissertação (Graduação em Psicologia). Faculdade Doctum de Serra, Serra/ES, 2018.